

Mapeamento de competências: Competências do aluno da educação a distância

Patricia Alejandra Behar
UFRGS
Brasil
pbehar@terra.com.br

Ketia Kellen A. da Silva
UFRGS
Brasil
ketiakellen@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um mapeamento de competências necessárias aos alunos da Educação a Distância (EAD). O estudo estabelece uma relação entre as competências e os alunos da modalidade a distância, destacando os conhecimentos, as habilidades e as atitudes vinculados a este modelo de ensino. Através da abordagem quali-quantitativa, por meio do estudo de caso exploratório e único realizou-se o mapeamento através da realização de um curso de extensão, que incluiu entrevistas e questionários. A análise consistiu na avaliação dos dados e no mapeamento final, constituído por um quadro de doze competências, quais são: fluência digital, autonomia, organização, planejamento, administração do tempo, comunicação, reflexão, presencialidade virtual, autoavaliação, auto-motivação, flexibilidade e trabalho em equipe.

PALAVRAS CHAVE: Educação a Distância(EAD), Competências e Aluno da EAD

ABSTRACT

The present paper aims at mapping the competences required for e-learning students. The study establishes a relationship between skills and students of the distance mode, highlighting the knowledge, skills and attitudes related to this teaching model. Through qualitative and quantitative approach, through the exploratory case study was carried out and only the mapping by performing an extension course, which included interviews and questionnaires. The analysis consisted of an evaluation of the data and the final mapping, consisting of a framework of twelve competencies, which include: digital fluency, autonomy, organization, planning, time management, communication, reflection, presentality virtual, self-assessment, self-motivation, flexibility and teamwork.

KEYWORDS

INTRODUÇÃO

É indiscutível o avanço que a Educação a Distância (EAD) teve no cenário educacional brasileiro nos últimos anos. Um dos fatores centrais surge com o desenvolvimento de diversas tecnologias, principalmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Desta forma, a tecnologia gerou uma grande mudança social, na qual cada vez mais a geração que nasce e vive em meio

a essas tecnologias desenvolve novas formas de agir, pensar, aprender e ser.

Todas essas transformações tiveram grande impacto na educação, modificando os espaços escolares, os ambientes de aprendizagem e os recursos utilizados para o ensino, bem como o perfil do aluno.

Compreende-se que tais particularidades, próprias da EAD, requerem que os atores desse processo demonstrem conhecimentos, habilidades e atitudes próprias para esse contexto, os quais podem ser identificados como competências específicas. Assim, tanto para ser aluno quanto para ser docente na EAD é necessário um conhecimento próprio da tecnologia e de suas possibilidades.

Nesse sentido, o presente trabalho versa sobre o estudo de competências básicas essenciais aos alunos da EAD. Para tal, durante o processo de pesquisa foi desenvolvido um objeto de aprendizagem (OA)¹ intitulado CompMap² (Mapeamento de Competências), que foi aplicado em um curso de extensão com o objetivo de mapear as competências³.

Assim, este artigo está dividido da seguinte forma: Inicialmente, é feita uma breve revisão bibliográfica enfocando os temas referentes a competência e os alunos da EAD. Na sequência é apresentada a pesquisa propriamente dita e por fim as conclusões do trabalho.

AS COMPETENCIAS

Inicialmente, o termo teve origem no âmbito empresarial, onde a palavra determina uma pessoa capaz de realizar certas atividades com eficiência. Etimologicamente competência nasce do mesmo étimo latino que competição, ambas tem raiz na expressão indo-europeia *pet* (pet), lançar-se contra e *competere*, encontrar-se no mesmo ponto, estar adequado a, reunir condições (ORIGEM DA PALAVRA, 2005, on-line) [18].

Existe, portanto a proximidade com a área profissional, na qual há exigência de competitividade, desta forma as pessoas não são

¹ Neste estudo, entende-se que os objetos de aprendizagem são materiais ou recursos digitais, apresentados isoladamente ou de modo agregado, tendo como finalidade o uso educativo (WILLEY, 2002).

² O OA CompMap será detalhado no capítulo seis.

³ O curso será detalhado no capítulo seis.



recursos que a organização consome, utiliza e que produzem custos. Ao contrário, as pessoas constituem um fator de competitividade, da mesma forma que o mercado e a tecnologia, Chiavenatt (2000, p. 20) [6].

Nesse campo, ser profissional, competitivo e competente são expressões ligadas às pessoas mais capacitadas e eficientes, sendo esses os conquistadores dos melhores espaços profissionais. Competência é um saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado (Le Boterf, 1995), [11]. Já para Fleury e Fleury é uma característica subjacente a uma pessoa que é casualmente relacionada com desempenho superior na realização de uma tarefa ou em determinada situação. (FLEURY; FLEURY, 2001, p. 184). [8]

O conceito de qualificação, para Manfredi (1999) [14], relaciona-se ao modelo taylorista-fordista⁴. Nessa perspectiva, tem-se o mercado de trabalho baseado em um processo de preparação para cargos e funções operacionais. Dessa forma, aqueles que possuem melhor escolaridade ganham posições de liderança, ou seja, níveis hierárquicos mais altos. (Fleury e Fleury 2001, p. 185) [8].

Na perspectiva educacional Gaspar (2004) [9] afirma que o conceito de competência surge a partir de estudos realizados no Canadá, Suíça e Bélgica, no início dos anos 90, onde o conceito demonstra ir além de conhecimentos, aptidões ou habilidades. A competência é compreendida como a mobilização desses recursos, que dependerão da experiência pessoal, da formação psicológica, cognitiva e afetiva da pessoa, bem como da situação em que a pessoa está inserida.

Ainda hoje, existe muita incerteza sobre a forma como as competências devem ser e estão sendo aplicadas na Educação, pois por vezes demonstram diferentes sentidos, inclusive contraditórios.

Para Perrenoud e Thurler (2002) [31] a competência é aptidão para enfrentar de forma eficaz uma família de situações, mobilizando a consciência de maneira cada vez mais rápida e criativa. Já Zabala e Arnau (2010, p. 37) [32] apresentam o conceito de competência que é adotada neste trabalho sendo a capacidade ou a habilidade para realizar tarefas ou atuar frente a situações diversas de forma eficaz em um determinado contexto. É necessário mobilizar atitudes, habilidades e conhecimentos ao mesmo tempo e de forma inter-relacionada.

No Brasil, o conceito direcionado à Educação é incorporado, no ano 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, a qual afirma que o currículo do Ensino Médio deve orientar o desenvolvimento de competências para cidadania.

⁴ “Esse modelo baseava-se na produção de volumes crescentes, ritmo intenso de produção, crescimento sem controle, centralização e especialização do trabalho; O modelo taylorista-fordista sofreu inúmeras críticas, pois o mesmo apresentava problemas quanto à motivação dos colaboradores, comprometimento, criatividade, burocracia e queda de produtividade.” (MEIRIM, 2006, on-line).

O parecer CNE/CEB 16/99⁵, que trata das diretrizes curriculares para a Educação profissional, apresenta a reforma curricular da formação profissional. Aqui o conceito de competências é entendido como: “[...] a capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desenvolvimento eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.” (BRASIL, 1999a) [2].

No ano de 2001, o parecer CNE/CP 9/2001⁶ acerca da formação de professores, traz como foco central o desenvolvimento de competências. O parecer afirma que: “Não basta a um profissional ter conhecimentos sobre seu trabalho. É fundamental que saiba mobilizar esses conhecimentos, transformando-os em ação” (BRASIL, 2001, p. 29). [3]

O ENEM⁷ (Exame Nacional do Ensino Médio), realizado pelo MEC (Ministério da Educação), desde o ano de 1998 é aplicado a fim de avaliar o desempenho dos estudantes. Essa avaliação tem como base cinco competências. 1- Dominar linguagens; 2- Compreender fenômenos; 3- Enfrentar situações-problema; 4- Construir argumentações; 5- Elaborar propostas.

Percebe-se a utilização exagerada do termo, o que de certa forma gera empregos errôneos, modismos e, por fim, confusões. Santomé (2010) [28] faz uma crítica sobre a incorporação de conceitos como meros slogans de modismos, o que acaba desfigurando por completo o seu significado.

Portanto, é preciso saber diferenciar esses modismos, e entender realmente quais as mudanças e novas perspectivas que o conceito de competências na Educação vem trazer. Assim, o que é construir competências? Perrenoud (1999, p. 35) [20], diz que “[...] a maioria dos conhecimentos acumulados na escola revela-se inútil na vida cotidiana, sobretudo porque os alunos não são exercitados para servirem-se deles em situações concretas.”

É notável em muitas salas de aula a falta de adequação dos conteúdos escolares com a vida real dos alunos. Todo esse movimento em prol das competências quer justamente quebrar esta dicotomia que toma conta de nossas salas de aula. O uso do termo competência é uma consequência da necessidade de superar um ensino que, na maioria dos casos, reduziu-se a uma aprendizagem cujo método consiste em memorização, isto é, decorar conhecimentos, fato que acarreta na dificuldade para que os conhecimentos possam ser aplicados na vida real. (Zabala e Arnau, 2010, p. 17) [32].

Le Boterf (apud DOLZ; OLLAGNIER, 2004a, p. 13) [13] afirma que “[...] a competência se encontra na encruzilhada entre a formação profissional, a situação de formação e a biografia do indivíduo.” Desse modo, ao adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes, o aluno precisa se beneficiar deles para sua vida em

⁵ O parecer 16/99 pode ser acessado pelo site: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PCNE_CEB16_99.pdf>.

⁶ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>.

⁷ Site do ENEM: <<http://www.enem.inep.gov.br/enem.php>>.



geral, seja no âmbito profissional, acadêmico ou pessoal. Para isso, precisa compreender como mobilizar essas competências e seus elementos nas diferentes situações, já que uma competência pode ser utilizada em diferentes contextos.

Assim, é preciso compreender, portanto, a qual perspectiva a competência está vinculada, buscando contextualizá-la e utilizá-la de forma coerente na Educação, já que a grande problemática no viés educacional é sua associação com o desempenho final do sujeito. Na Educação, há que se pensar em todo o processo de desenvolvimento e mobilização da competência e não apenas no resultado.

A partir dessas diferentes definições de competências, é possível perceber pontos comuns acerca do conceito, tais como:

- Atuação do sujeito em situações novas e complexas;
- Mobilização de recursos, que depende do fato de o sujeito estar ou não disposto a resolver o problema, ou seja, com atitudes determinadas e intenção;
- Domínio de procedimentos na ação a ser realizada;
- A ação deve ser inter-relacionada, pois depende do conjunto de recursos ou domínios do sujeito, não apenas dos conhecimentos, mas da sua experiência, da sua atitude, etc.;
- Os recursos compreendem, portanto, três elementos fundamentais: conhecimentos, habilidades e atitudes.

A análise desses pontos compõe o conceito de competência, sendo necessário compreender os elementos que o compõem: conhecimentos, habilidades e atitudes. Portanto, não é suficiente apenas entender o que é uma competência; é preciso conhecer todo o processo, partindo dos seus elementos como será descrito a seguir.

OS ELEMENTOS

Os elementos da competência correspondem ao conjunto de recursos que uma determinada pessoa dispõe. Segundo Perrenoud, (1999) [20] “[...] uma competência pressupõe a existência de recursos [...]. Nenhum recurso pertence, com exclusividade, a uma competência, na medida em que pode ser mobilizado por outras.”

Conhecimento

O conhecimento é construído através das relações com o meio. Não é sinônimo de informação ou de saberes. Este estudo entende o conhecimento a partir da visão construtivista de Piaget (1987) [26]: “[...] o ponto essencial de nossa teoria é o que o conhecimento resulta de interações entre o sujeito e o objeto que são mais ricas do que aquilo que os objetos podem fornecer por eles.” Nesse sentido, tem-se a construção do conhecimento do sujeito⁸ sobre o objeto, sendo uma construção, reconstrução em um constante movimento de espiral.

⁸ Cf. Becker, 1999, p. 74: “o objeto ou “objectum: o que está em oposição ao sujeito, como diferente, como outro. Objeto é, pois, apenas isso: o não-sujeito.”

Habilidade

A habilidade é o elemento da competência que demonstra aquilo que o sujeito sabe e pode aprender. Está relacionada à aplicação produtiva do conhecimento. pode ser construída, por meio da prática, bem como sofrer alterações de acordo com o contexto sociocultural e cognitivo do sujeito.

Em geral a habilidade é menos ampla que uma competência, por isso ela é entendida por muitos autores como um dos elementos da competência. De fato, diferentes habilidades compõem uma ou mais competências, ou seja, elas são utilizadas em diferentes situações. Assim, as habilidades seriam tanto as que apresentam processos mentais/cognitivos como motores e técnicos (Perreoud 2001) [21].

Atitude

Entende-se que são as atitudes que determinam como os indivíduos se posicionam em relação aos outros e aos acontecimentos. É em função delas que se avaliam sentimentos, comportamentos e escolhas. Desta forma, muitos estudos têm demonstrado, exaustivamente, que as atitudes antecedem ao comportamento. É um estado de prontidão organizado pela experiência, que exerce uma influência diretiva e dinâmica sobre as respostas de um indivíduo diante de determinados objetos ou situações (ALPORT apud TRIANDIS, 1971) [24].

Portanto, a atitude é uma tomada de posição e uma predisposição a certas reações, o que interfere na própria maneira de perceber e definir uma opinião, o que é confirmado por Mucchielli (1978) [16].

Diante desse contexto, o processo de desenvolvimento de uma atitude é compreendido como um esquema mental, desenhando o comportamento do processo de interação humana, que se dá pela socialização e comunicação. Nesse processo, a atitude é um dos elementos que resultam no comportamento.

Por fim, a atitude determina comportamentos. No entanto, um comportamento depende de outros fatores, e não há limites para as diferentes atitudes que as pessoas podem ter. Assim, a atitude pode ser compreendida como a motivadora da ação.

Assim, a partir da compreensão do contato de competências e seus elementos faz-se necessário compreender quem é o aluno da EAD e suas características.

O ALUNO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Todas as mudanças geradas pela tecnologia tiveram grande impacto na educação, modificando os espaços escolares, os ambientes de aprendizagem e os recursos utilizados para o ensino, bem como o perfil do aluno que chega à escola. A EAD, nesse sentido, também se reorganiza, incluindo as tecnologias e redefinindo sua estrutura de forma diferenciada a que já existia. O perfil do aluno também sofre mudanças, encontrasse em um momento de transição, na qual nem todos nasceram e cresceram

junto às tecnologias. Pozo e Monereo (2010) chamam esse fenômeno de Brecha digital, pois da mesma maneira que existem jovens que estabelecem uma relação distante com as TIC, podemos encontrar pessoas de idade mais avançada que desde o começo entram na rede e, atualmente, suas formas de trabalhar, comunicar-se e pensar estão firmemente mediadas por sistemas informatizados. (POZO; MONEREO, 2010, p. 98) [25]

Nesse sentido, existe uma diversidade de alunos, com diferentes perfis, gostos, conhecimentos, culturas e idades. Tal perfil é de sujeitos dessa sociedade do conhecimento e que deve ser compreendida por aqueles que trabalham com a EAD.

Segundo os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007) [4], o estudante é o centro do processo educacional. No início da EAD, toda a atenção estava voltada para o professor e para os recursos tecnológicos, enquanto que o aluno ficava como coadjuvante do processo. Hoje já se percebe que o aluno deve ser o centro e o foco da aprendizagem on-line. (Notare e Behar, 2009) [17].

O curso e os materiais, bem como a estrutura, são organizados e pensados para um perfil de aluno, o virtual. Paloff e Pratt (2004) [19] apresentam como recursos necessários ao aluno a conexão com a tecnologia; treinamento e suporte acerca da tecnologia do curso; acesso a serviços como os do campus da universidade; serviços de apoio aos estudantes e ser informado com feedbacks, avaliações, e etc.

Para Moore e Kearsley (2008) [15], nem sempre o aluno virtual consegue adaptar-se a essa modalidade de Educação. Além das questões pessoais, outro fator também pode influenciar e se apresentar como dificuldade aos alunos: a experiência com a tecnologia.

Prensky⁹ (2001) [27] descreve a relação das pessoas com a tecnologia, caracterizando dois públicos: os Nativos Digitais e os Imigrantes Digitais. Esses termos distinguem as pessoas que incorporaram tardiamente as tecnologias digitais, migrando das tecnologias baseadas nos textos convencionais, daquelas que têm essas mesmas tecnologias como seu ambiente de desenvolvimento “natural”.

Guimarães (2011) [10], ao tratar do nativo digital, afirma que as mudanças trazidas pela convergência digital transformam o aluno, fazendo com que ele precise reaprender como encontrar, selecionar, avaliar e hierarquizar a informação. Também diz que

⁹“Marc Prensky é especialista em tecnologia e educação pela escola de Artes e Ciências de Yale e pela Harvard Business School. Fundou a Game2train, uma instituição de ensino a distância que desenvolve games usados para ensinar, e escreveu diversos livros, entre eles: Ensino com jogos digitais (2001), Mãe, não me amole, estou aprendendo (2005) e Ensinando nativos digitais (2010).” (FANTAUZI, 2010, on-line). Site do autor: <<http://www.marcprensky.com/>>.

esse processo deve ser colaborativo, com o aprendente assumindo um papel ativo no processo de aprendizagem e não sendo apenas um receptor. Por último, afirma que para dar

conta dessa nova realidade, o processo de aprendizagem torna-se cada vez mais personalizado, focado nas necessidades e nos interesses individuais.

No entanto, os alunos da EAD, em sua maioria imigrantes digitais, buscam compreender melhor esse meio e se adaptar, pois foram acostumados com textos impressos, lineares e estáticos. Portanto, a grande diferença entre os alunos nativos e imigrantes é a forma como aprendem, pois cada perfil tem uma relação diferente com a aprendizagem, principalmente ligada ao uso das tecnologias. Nessa perspectiva, torna-se visível o impacto gerado pelas TIC na cognição humana, principalmente, sobre as formas de pensar e aprender.

Nem sempre é possível classificar os sujeitos em nativos e imigrantes digitais, em virtude do momento de transformação e democratização da tecnologia. No Brasil, dados do Censo da Educação Superior de 2008 publicados pelo Inep (BRASIL, 2009) demonstram que havia 115 instituições com 647 cursos de graduação a distância, com um total de 727.961 alunos matriculados e 70.068 diplomados nesses cursos.

Uma pesquisa¹⁰ divulgada em 2010 pelo Comitê Gestor da internet no Brasil¹¹ (CGI) mostra que mais de sete milhões de brasileiros já realizaram cursos a distância, utilizando a internet. O estudo excluiu aqueles que realizaram cursos utilizando outros meios tecnológicos, como vídeo ou rádio.

Constata-se, portanto, que o número de alunos e cursos a distância no Brasil tem crescido rapidamente. Desse modo, é importante conquistar o aluno, apresentar as inovações e as possibilidades da EAD, bem como identificar quais as competências necessárias nesse processo. Assim, será possível antecipar e atenuar conflitos e situações-problema, aumentando a motivação, tão essencial e necessária no processo de ensino e aprendizagem.

Muitas vezes, o aluno da EAD chega com conceitos pré-concebidos sobre como funciona essa modalidade. Salienta-se que os alunos a distância, normalmente adultos, frequentaram no mínimo onze anos no ensino presencial, sem sequer ter contato com as tecnologias.

Em outras palavras, eles chegam à modalidade a distância com concepções, estratégias e formas de atuar diferentes das que necessitarão. O rompimento dessas concepções não se dá de forma rápida, mas é um aprendizado, por vezes lento, do qual tanto professores como todos que fazem parte da EAD devem se ocupar.

O professor deve ter compreensão do potencial de seu aluno, de

¹⁰A pesquisa foi divulgada em maio de 2010, pelo site Agrosoft Brasil e pode ser acessada no seguinte endereço: <<http://www.agrosoft.org.br/agropag/214324.htm>>.

¹¹Site do Comitê Gestor da internet no Brasil: <<http://www.cgi.br/>>.

seus diferentes perfis e de suas competências. Portanto, aprender é uma construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos. Não é apenas receber informações, mas conseguir transformá-las, dar-lhes sentido. Assim, o ideal é que o aluno e o professor aprendam e ensinem, e, nessa relação, muitas são as circunstâncias que esses atores enfrentarão.

DELINEANDO O MAPEAMENTO

O percurso da pesquisa ocorreu no período de dois anos, iniciando por meio do levantamento bibliográfico das temáticas: EAD, perfil do aluno e as competências.

Foi construído¹² um Objeto de Aprendizagem (OA), intitulado CompMap - Mapeamento de Competências dos alunos da EAD como mostrado na figura 1, a partir do Edital 12¹³. O objeto teve como principal função ser o recurso digital com um conteúdo desenvolvido especificamente para o mapeamento de competências com foco no aluno da EAD.



Figura 1 – Tela do Objeto CompMap

O grupo de desenvolvimento do OA foi constituído de forma interdisciplinar por educadores e designers. O objeto foi construído seguindo quatro etapas principais, de acordo com a metodologia para construção de objetos proposta por Amante e Morgado (2001) [1]. Essas se referem à concepção do projeto, planificação, implementação e avaliação.

No segundo ano o processo de coleta de dados ocorreu através de Questionários, Curso de Extensão e Entrevistas. O questionário foi desenvolvido de forma on-line, através da ferramenta Google Docs, e tornou-se uma das principais fontes de evidência deste projeto. Através dele, foi possível obter respostas acerca do aluno da EAD e suas competências sob o ponto de vista de professores, tutores e dos próprios alunos. Foi aplicado em dois momentos, um antes do curso de extensão com o objetivo de obter um levantamento preliminar sobre o perfil dos alunos do ponto de vista de professores e tutores. O mesmo questionário

¹²Desenvolvido pelo NUTED com o apoio da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da UFRGS a partir do Edital 12

¹³ Edital 12 – SEAD/UFRGS. Destina-se ao financiamento de recursos orçamentários da UFRGS, com o objetivo de apoiar a construção de objetos de aprendizagem e capacitar professores e alunos para o desenvolvimento de materiais educacionais digitais, como forma de fomentar a educação a distância no âmbito da Universidade.

foi aplicado também, ao final do curso de extensão a fim de comparar as respostas. O curso teve como carga horária total 40 horas, divididas em sete semanas, com três aulas presenciais (início, meio e fim) e quatro à distância. após foram realizadas entrevistas com alguns dos alunos e dos tutores participantes.

MAPEAMENTO DAS COMPETÊNCIAS

O mapeamento foi realizado a partir da análise de duas categorias criadas a partir dos dados coletados. As categorias foram: 1.O aluno da EAD e 2. As competências dos alunos da EAD. Destaca-se na categoria o aluno da EAD o perfil mapeado, demonstrando problemas com a tecnologia, com a organização do tempo, a comunicação à distância, entre outras. Percebe-se que, da mesma forma que o aluno na sala de aula precisa de competências que o façam atuar como um estudante, o aluno da EAD também necessita de competências para enfrentar suas dificuldades e descobrir as possibilidades tecnológicas.

O estudante, hoje da EAD, foi esculpido pelo modelo presencial durante todo seu processo de aprendizagem. Enquanto adulto, ele tem pouca familiaridade com a tecnologia, demonstra dificuldades em sentir-se responsável por sua própria aprendizagem e durante muito tempo não foi um produtor de conteúdo, mas sim um reproduzidor.

No entanto, atualmente, com todos os recursos digitais, o aluno deve tomar posição sobre sua aprendizagem, desenvolvendo conteúdo, trocando-o e possibilitando que outros o utilizem (COLL; MONEREO, 2010) [7].

Assim, é preciso que esse aluno construa uma nova identidade, a de aluno virtual. Para isso, se faz necessário remodelar o que já foi elaborado durante anos de um processo educacional em situações presenciais. Tal processo não é apenas uma causa ou um produto da interação, mas deverá ser uma transformação constante.

O ensino presencial possui estabilidade, previsão, tempo e local demarcado, proporcionando elementos físicos e reais. Em contrapartida, o ensino virtual não tem horário nem local estipulado, seus elementos são virtuais e a comunicação é através de ferramentas, sendo a distância uma “barreira” que desestabiliza o aluno.

De acordo com os dados prévios, o sujeito que já tem mais experiência cria uma identidade virtual com maior facilidade, diferente daquele que precisa percorrer um caminho mais longo devido à pouca experiência tecnológica. Práticas cotidianas com a tecnologia progressivamente levam o aluno a ir se apropriando das ferramentas e dos procedimentos que elas incorporam, mas não são suficientes para que ele as utilize da mesma forma para outros contextos.

Assim, para desenvolver essa identidade EAD, são necessários três pontos fundamentais, conforme a Figura 2: 1. Atuação estratégica: organização do tempo, formas de comunicação, disposição, motivação para a temática, etc.; 2. Compreensão das características do grupo, bem como das tarefas, dos objetivos do

curso e do contexto em que está inserido; e, por fim, 3. Condições tecnológicas, que se referem à conexão do aluno, à utilização das ferramentas e à familiaridade com a tecnologia.

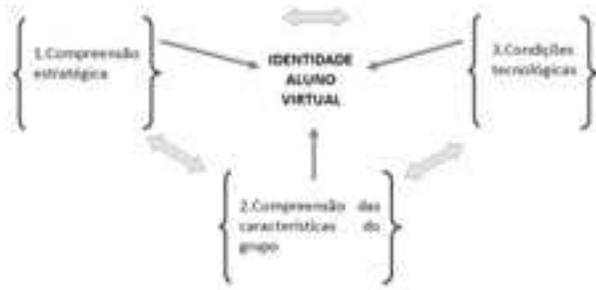


Figura 2 – Representação da Identidade do Aluno Virtual
 Fonte: Construído pelas autoras

Inicialmente, o estudante pode levar para o mundo virtual suas experiências presenciais, assim como a compreensão das estratégias, das características e do aparato tecnológico. O aluno poderá começar a criar uma espécie de hibridização ou blended learning (TORI, 2010) [30].

Essa convergência entre suas experiências presenciais e virtuais irá desencadear seu estilo e sua forma de atuar em cada situação, ora no presencial e ora no virtual, conforme *Figura 2*.

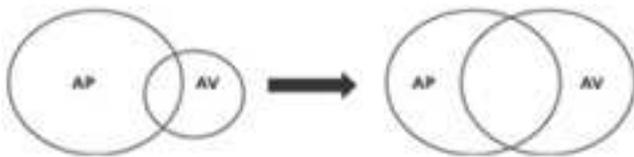


Figura 2 – Processo de Hbridização entre Aprendizagem Presencial (AP) e Aprendizagem Virtual (AV)
 Fonte: Baseado em Tori, 2010.

Para concluir, pode-se dizer que o perfil desse aluno EAD é composto por três contextos/dimensões interligadas, conforme *Figura 4*, que são: social /familiar, profissional e acadêmico. A tecnologia destaca-se como um contexto transversal, que permeia todos os outros, já que está presente no cotidiano desse sujeito. Entretanto, ela não é um recurso com o qual esse aluno esteja familiarizado, sendo um contexto em construção e que, por meio das experiências e do tempo, sofrerá transformações com resultados diferentes em cada sujeito.



Figura 4– O Contexto do Aluno da EAD
 Fonte: Construído pela autora

Em cada um dos contextos, o aluno poderá atuar de uma forma, assim como necessitará de competências que, em alguns casos, coexistem em mais de um contexto, sendo organizadas e reorganizadas quanto necessário. No entanto, esses espaços não são desarticulados, mas estão sempre em contato, interligados como a figura mostra.

A partir do levantamento de dados e organização do perfil foi possível apresentar e elencar com mais clareza quais as competências necessárias para esse aluno.

AS COMPETENCIAS



Figura 5 – Doze Competências do Aluno da EAD

A *Figura 5* apresenta a organização das doze competências. Através dos resultados é possível perceber que existe uma graduação das competências, no qual a figura representa através das setas. Esta análise baseada em graus de dificuldade foi possível por meio das falas dos alunos.

Competência	FLUÊNCIA DIGITAL
Descrição	Está ligada à utilização da tecnologia de modo que o sujeito sinta-se digitalmente ativo/participante dos avanços tecnológicos. A fluência possibilita não só o uso, mas também a criação e produção de conteúdos/materiais.
Conhecimentos	Teórico/tecnológico sobre as ferramentas.
Habilidades	Mexer, buscar, selecionar, produzir.
Atitudes	Ter iniciativa para buscar inovações e sempre se manter atualizado.
Competência	AUTONOMIA
Descrição	Para Piaget, autonomia significa ser governado por si mesmo. É o oposto de heteronomia, que significa que uma pessoa é governada por outra pessoa.
Conhecimentos	Normas sociais e culturais, valores morais, conhecimentos sobre ética.
Habilidades	Analisar, interpretar dados e situações, realizar escolhas complexas, antecipar situações, selecionar, sistematizar, relacionar, interpretar dados e informações, tomar decisões.
Atitudes	Ter autocontrole e ser responsável, ser autocrítico, ser proativo, ser compromissado e ser ético.
Competência	REFLEXÃO
Descrição	Está baseada na abstração para refletir e analisar criticamente situações, atividades e modos de agir.
Conhecimentos	Conhecer o objeto em questão e seus diferentes aspectos.
Habilidades	Analisar e interpretar dados/fatos/situações.
Atitudes	Ser proativo, ser crítico, ser ponderado, ter autodidaxia, ter autocontrole.
Competência	ORGANIZAÇÃO
Descrição	Relaciona-se com a ordenação, estruturação e sistematização de atividades, materiais e grupos.
Conhecimentos	Ter autoconhecimento, planejar, conhecer os prazos.
Habilidades	Criar estratégias, sistematizar, ordenar e classificar.
Atitudes	Ser engajado, estar envolvido, ser proativo, tomar decisões, ter persistência.
Competência	PLANEJAMENTO
Descrição	Baseado no estabelecimento de prioridades, metas e objetivos. Em educação, consideram-se também as condições necessárias para criar situações e aplicar estratégias de aprendizagem.
Conhecimentos	Tipos de planejamento, contexto, potencialidades, fragilidades, público (se houver).
Habilidades	Sistematizar, avaliar, analisar.
Atitudes	Ser proativo, ser objetivo, ser metódico.
Competência	ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO
Descrição	É pautada no cumprimento da agenda, conciliar atividades de compromissos para a gestão das atividades, atingindo as prioridades, metas e objetivos.
Conhecimentos	Prazos, formas de organização, autoconhecimento.
Habilidades	Utilizar o tempo de forma eficiente, dar limites, estabelecer prazos, delimitar prioridades, ordenar as ações, identificar objetivos.
Atitudes	Ser proativo, ser objetivo, ser focado.

Competência	COMUNICAÇÃO
Descrição	Está fundamentada na clareza e na objetividade da expressão oral, gestual e escrita.
Conhecimentos	Norma culta da língua, compreender regras de comportamento, formas de comunicação, público/receptores.
Habilidades	Escrita de forma clara, objetiva e coerente, interpretar mensagens recebidas, como impostar a voz, articular as palavras, usar vocabulário adequado.
Atitudes	Ser expressivo, ser empático, ser cauteloso, ser articulado.
Competência	PRESENCIALIDADE VIRTUAL
Descrição	Tem relação com a presença no ambiente virtual através da interação com os colegas e da realização das atividades.
Conhecimentos	Sobre o ambiente virtual e suas ferramentas, formas de comunicação e prazos.
Habilidades	Utilizar as ferramentas do ambiente virtual de forma eficiente para comunicação e envio de atividades.
Atitudes	Ser proativo, ser analítico, ter discernimento, ser participativo.
Competência	AUTOAVALIAÇÃO
Descrição	Trata-se da compreensão acerca do desenvolvimento do próprio processo de aprendizagem, a fim de colaborar ou avaliar as atividades propostas.
Conhecimentos	Conhecer suas necessidades de aprendizagem, conhecer seu processo de aprendizagem e as formas de avaliação.
Habilidades	Analisar o processo de aprendizagem, sistematizar atividades, mediar, levar em consideração suas particularidades.
Atitudes	Ter autocontrole, ser crítico, ser atualizado, ter acolhimento.
Competência	AUTO-MOTIVAÇÃO
Descrição	Estabelece as condições para manter a motivação entre pares e consigo mesmo, sendo um facilitador dos processos. Da mesma forma, ser capaz de acolher as dificuldades do outro, incentivando-o a permanecer e concluir uma atividade, sendo ativo e participativo. Ser capaz de lidar com as próprias dificuldades.
Conhecimentos	Autoconhecimento, conhecimento sobre o outro, mecanismos motivacionais.
Habilidades	Discernir, criticar, analisar, enfrentar obstáculos.
Atitudes	Ter autoestima, ter autoconfiança, ter disposição, ser participativo, ser engajado, ser acolhedor, ser aberto a trocas, ser empático, ser receptivo, colocar-se no lugar do outro.
Competência	FLEXIBILIDADE
Descrição	Consegue lidar com diferentes necessidades, examinando e interpretando as possibilidades de ações, bem como mudanças de opinião e atitudes.
Conhecimentos	Sobre relacionamento interpessoal, saber lidar com as diferenças socioculturais.
Habilidades	Identificar situações, analisar possíveis soluções, contornar situações.
Atitudes	Ser ético, ser responsável, saber mudar de postura.
Competência	TRABALHO EM EQUIPE
Descrição	O trabalho em equipe contempla as relações intra e interpessoal, as quais permitem ao sujeito expressar e comunicar, de modo adequado, seus

Habilidades	Identificar situações, analisar possíveis soluções, contornar situações.
Atitudes	Ser ético, ser responsável, saber mudar de postura.
Competência	TRABALHO EM EQUIPE
Descrição	O trabalho em equipe contempla as relações intra e interpessoal, as quais permitem ao sujeito expressar e comunicar, de modo adequado, seus sentimentos, desejos, opiniões e expectativas. Além disso, evidencia condutas interpessoais, destreza para interagir com outras pessoas de forma socialmente aceitável e valorizada, podendo, assim, trazer benefícios aos participantes nos momentos de interação. Esses elementos podem, ainda, ser complementados sob a ótica afetiva, isso porque a complexidade das relações sociais também requer a capacidade de perceber e fazer distinções no humor, nas intenções, nas motivações e nos sentimentos de outras pessoas.
Conhecimentos	Tipos de equipes, saber parcial das áreas que compõe a equipe.
Habilidades	Adequar ações intra e interpessoais, criar estratégias, articular a comunicação com os sujeitos. Identificar perfil e necessidades da equipe em que está inserido, saber trabalhar em

CONCLUSÕES

O foco deste trabalho foi relacionar os estudos acerca das competências com a EAD, buscando identificar nos alunos dessa modalidade as competências que poderão auxiliá-los no processo de aprendizagem. O objetivo final foi organizar um mapeamento dessas competências e seus elementos. O estudo iniciou com a pesquisa bibliográfica acerca da EAD, o aluno da EAD e as competências. Ao analisar o perfil do aluno dessa modalidade, percebeu-se a necessidade de novas possibilidades educacionais. Assim, as competências vêm ao encontro dessas condições, buscando, através do aluno e de seus formadores, respostas a fim de propor ações e mudanças, principalmente nos desafios enfrentados pelos alunos que iniciam seus estudos na EAD. Nesse sentido, cada vez mais são necessários sujeitos que tenham competências suficientes para realizar adequadamente a gestão da sua própria aprendizagem, buscando, assim, aprender com autonomia.

No decorrer de um curso a distância, exige-se do aluno muita organização e flexibilidade. Assim, entender quais são as competências e os elementos que podem facilitar o processo de aprendizagem do aluno parece ser essencial aos sujeitos que participam desse processo.

Portanto, o aluno, sujeito desse processo, também precisa compreender que essa modalidade requer conhecimentos, habilidades e atitudes diferentes das do ensino presencial, o que influencia sua forma de atuar.

Ser aluno é um ofício, pois se aprende a ser e agir de acordo com atribuições. Para Perrenoud (1995), decididamente, o aluno exerce um gênero de trabalho determinado, reconhecido ou tolerado pela sociedade, e do qual retira os seus meios de sobrevivência. Portanto, requer atitudes que deem conta dessas

mudanças sociais, sendo um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, participando das discussões, refletindo, dando opiniões e questionando. Seu desenvolvimento depende de suas vivências e experiências, pois, enquanto profissional, se deparará com questões complexas, sobre as quais necessitará realizar uma reflexão mais elaborada, partindo de seus conhecimentos, atitudes e habilidades. Acredita-se que o presente trabalho, desenvolvido na dissertação de mestrado da autora, (Silva, 2012) [24] poderá trazer reflexões para as práticas a distância, bem como novas formas de ensinar e aprender.

REFERENCIAS

- [1] AMANTE, Lúcia; MORGADO, Lina. Metodologia de concepção e desenvolvimento de aplicações educativas: o caso dos materiais hiperídia. Discursos: língua, cultura e sociedade, Lisboa, v. 3, n. especial, p. 27-44, jun. 2001.
- [2] _____. Parecer CNE/CEB n.º 16/99. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília: Ministério da Educação, 1999a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PCNE_CEB16_99.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2012.
- [3] _____. Parecer CNE/CP9/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- [4] _____. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- [5] BRONCKART, Jean-Paul; DOLZ, Joaquim. A Noção de Competência: qual é a sua pertinência para o estudo da aprendizagem das ações de linguagem. In: DOLZ, Joaquim; OLLAGNIER, Edmée (Org.). O Enigma da Competência em Educação. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 29-44.
- [6] CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à Teoria Geral da Administração. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- [7] COLL, Cesar; MONEREO, Carles. Educação e Aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: _____. Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-46.
- [8] FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza. Construindo o conceito de competência. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspe10.pdf>>. Acesso em: 25 julho. 2012.
- [9] GASPAR, Maria Ivone. Competências em Questão: Contributo para a Formação de Professores. Portugal, 2004. Disponível em: <<http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/158/1/Discursos%E2%80%9393Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores55-71.pdf>>. Acesso em: 23



agos. 2012.

[11] GUIMARÃES, Luciano Rosa Sathler. O Aluno e a Sala de aula virtual In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a Distância: o estado da arte, volume 2. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

[12] LE BOTERF, Guy. De la compétence – essai sur un attracteur étrange. In: Les éditions d'organisations. Paris: Quatrième Tirage, 1994.

[13] _____. Habilidades e Competências no Século XXI. Mediação, 2010.

[14] DOLZ, Joaquim; OLLAGNIER, Edmée. A Noção de Competência: necessidade ou moda pedagógica. In: _____. (Org.). O Enigma da Competência em Educação. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004a. p. 9-23.

[15] _____. Porquê construir competências a partir da escola?, Porto, ASA. 2001.

[16] TRIANDIS, Harry. Attitude and attitude change. New York: John Wiley, 1971

[17] Pozo e Monereo (2010)

[18] PIAGET, Jean. O Nascimento da Inteligência na Criança. Suíça: Editora Guanabara. 1987.

[19] PRENSKY, Mark. Digital Natives, Digital Immigrants. In: On the Horizon. NCB University Press, n. 5, v. 9. 2001.

[20] SANTOMÉ, Jurjo Torres. Evitando o debate sobre a cultura no sistema educacional: Como ser competente sem conhecimento. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). Educar por Competências: o que há de novo? Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 161-197.

[21] YIN, Robert K. Estudo de Caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman Companhia Ed, 2005.

[22] TORI, Romero. Educação sem Distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

[23] THURLER, Monica Gather. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Trad.: Cláudia Schilling; Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

[24] ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

[25] SILVA, Araújo da, Ketia Kellen. MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS: um foco no aluno da Educação a Distância, Silva 2012. 185 f.

